

Filosofia crítica e geografia em Immanuel Kant

Critical philosophy and geography in Immanuel Kant

Filosofía crítica y geografía en Immanuel Kant

Jecson Girão Lopes¹

Recebido em: 20/07/2020

Aceito em: 15/10/2020

Resumo: Immanuel Kant (1724-1804), filósofo que ficou conhecido em maior medida pelas suas três obras maiores denominadas de críticas, a *Crítica da Razão Pura* (1781A/1787B); a *Crítica da Razão Prática* (1788) e a *Crítica da Faculdade de Julgar* (1790), é também o filósofo que, antes que a cátedra de geografia fosse criada em 1820 em Berlim, lecionou de 1756 a 1796 um curso de geografia na universidade de Königsberg, ou seja, do início de sua carreira docente até o final. A geografia, portanto, passa por todas as fases de desenvolvimento de docência acadêmica e do seu pensamento filosófico. O presente texto tem por objetivo central analisar algumas das relações entre filosofia e a geografia no pensamento de Kant, observando as dificuldades encontradas para ensinar a geografia bem como da importância dada a esta por Kant, tendo em vista ter sido a geografia o terceiro conhecimento mais ensinado por Kant ao longo de seus 40 anos de docência.

Palavras-Chaves: Geografia; Filosofia crítica; Conhecimento do mundo; Esclarecimento.

Abstract: Immanuel Kant (1724-1804) is a philosopher known to a greater extent by its three main works called *Critiques*: the *Critique of Pure Reason* (1781A/1787B), the *Critique of Practical Reason* (1788) and the *Critique of the Judgment* (1790); he is also the philosopher who, before the Geography Chair was created in 1820 in Berlin, taught, throughout his academic career (1756-1796), a geography course at the University of Königsberg. Geography, therefore, goes through all phases of kantian thought. It extends both through the development of Kant's academic teaching and the development of his philosophy. This text intends to analyze the initial path of the relations between philosophy and geography in Kant's thought, observing the difficulties encountered in teaching geography as well as its importance, considering that geography was the third most taught science by Kant throughout his 40 years of teaching.

Keywords: Geography; Critical philosophy; Knowledge of the world; Enlightenment.

Resumen: Immanuel Kant (1724-1804), filósofo que se hizo conocido en mayor medida por sus tres obras principales llamadas crítica, la *Crítica de la razón pura* (1781A / 1787B); la *Crítica de la razón práctica* (1788) y la *Crítica de la facultad de juzgar* (1790), es También es el filósofo quien antes de la creación de la silla de geografía creada en 1820 en Belim, desde 1756 hasta 1796 enseñó un curso de geografía en la Universidad de Königsberg, desde el comienzo de su carrera docente hasta el final. La geografía, por lo tanto, pasa por todas las fases de desarrollo de la enseñanza académica y su pensamiento filosófico. El objetivo principal de este texto es analizar algunas de las relaciones entre filosofía y geografía en el pensamiento de Kant, dándose cuenta las dificultades encontradas en la enseñanza de la geografía, así como la importancia de la geografía dada por Kant, En vista del hecho de que la geografía fue el tercer conocimiento más enseñado por Kant a lo largo de sus 40 años de enseñanza.

Palabras Claves: Geografía; Filosofía crítica; Conocimiento del mundo; Aclaración.

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe; Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará; Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Ceará. Contato: jecsang@yahoo.com.br / <http://orcid.org/0000-0002-9871-9018>.

Introdução

Inicialmente, como maneira de inaugurar a discussão sobre a relação entre geografia e filosofia no pensamento de Immanuel Kant (1724-1804), uma vez que, a nosso ver, tais conhecimentos estão intrinsecamente vinculados na ideia de filosofia crítica de Kant, haja vista, dentre outras coisas, o longo tempo dedicado à docência dessas duas áreas do conhecimento, assim como ao caráter filosófico pragmático, por assim dizer, propedêutico, da geografia, na medida em que esta colocaria em volição à filosofia crítica, isto é, deixaria ela mais fenomenal, no nível experiencial (pelo menos na parte possível) no âmbito mais físico, na instância do conhecimento do mundo fenomênico.

Diante do exposto acima, começamos a nos perguntar quais seriam às razões para que o filósofo e professor de geografia (por escolha, bem como por ter entendido a importância desse conhecimento para constituição do que passou a ser chamado de filosofia crítica e para o seu desenvolvimento), ser na história do pensamento geográfico tratado de maneira tão tangencial?

Se a geografia, dentre outras coisas, é uma ciência que procura entender de modo reflexivo, de modo crítico, inquiridor, vendo as possibilidades e os limites das múltiplas relações que o ser humano desenvolve, de modo processual, fenomenalmente sobre a natureza espacialmente. Por que então, se Kant é um dos filósofos que com seus cursos de geografia, durante toda a segunda metade do século XVIII, e ao longo do desenvolvimento de sua filosofia, tanto na fase pré-crítica, como na crítica, faz essa relação entre a filosofia e a ciência, entre geografia e filosofia, é ainda tratado de modo periférico? E para além de Kant, por que essa relação entre geografia e filosofia é ainda tratada de modo secundário?

Se é verdade que, de acordo com Richard Hartshorne (1899 – 1992) que a geografia é o que dela fizeram os geógrafos², talvez isso seja um dos motivos pelo qual, da importância tangencial, a nosso ver, que se tem dado a Kant na consideração de seu percurso filosófico e geográfico e da relação que Kant estabelece entre a geografia e a filosofia como relação fundamental para construção de novos olhares de entendimento e de conhecimento do mundo, do nosso mundo, único passível de experiência, de seus fundamentos indissociáveis, isto é, a natureza e o homem dado espaço-temporalmente.

Essa relação inseparável entre homem e natureza, entres naturezas, dada por Kant, na medida em que relaciona essas duas áreas do conhecimento é a nosso ver, fundamental para que a geografia direta ou indiretamente ganhasse arcabouço de cientificidade, pouco tempo depois, sendo, como se sabe, capital para que, como ficou conhecido: a geografia fosse

² HARTSHORNE, Richard. **Propósitos e Natureza da Geografia**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1978.

sistematizada e efetivada como ciência específica ao longo do século XIX por Alexander von Humboldt (1769-1859) e Karl Ritter (1770-1859).

Entendemos assim que a história do pensamento geográfico e a filosofia da geografia é devedora em grande parte da filosofia e dos cursos de geografia de Kant, ainda que para os mais críticos, apenas em sua parte de formação e sistematização inicial, todavia sua participação nos fundamentos e no desenvolvimento dessa ciência, (e ainda nos debates contemporâneos), é inegável para nós.

Tal afirmação se deve dentre outras coisas pela importância dada por Kant à geografia que faz questão de lecioná-la em todos os períodos de construção de sua filosofia, quer em sua parte chamada de dogmática, antes de 1781 até depois de 1790, ano da Crítica da Faculdade de Julgar, sua última crítica escrita. Além do que, Kant assevera que a geografia é uma ciência imprescindível para todos os aspectos da vida e útil para filosofar.

Nesse sentido insistimos que o filósofo de Königsberg deve ser inserido de forma mais ampla nos debates de formação, desenvolvimento, bem como nos atuais debates da geografia, tendo em vista que a filosofia e geografia kantianas ficaram meio que ausentes ao longo desses quase dois séculos de história da geografia sistematizada.

Portanto, é mister que contemos ou ampliemos o prisma de como contamos a história/filosofia dessa ciência e como ampliamos o debate a partir de perspectivas pouco ou não observadas e assim, quem sabe, consigamos outros esclarecimentos, outras perguntas e dessa maneira mais conhecedores e esclarecidos (*Aufklärung*)³, tenhamos mais ousadia em pesquisar e conhecer, e assim pensar mais por si mesmo, e não meramente repetidores, guiados simplesmente por pensamentos e histórias que foram ditas que outros disseram e reproduzidas dogmaticamente, sem abertura, sem questionamento, sem crítica.

Dar conta a contento de todas essas afirmações e/ou sugestões é tarefa que não há como encerrar, tendo em vista o aspecto processual de construção das ciências e do conhecimento de um modo geral, mas uma coisa é possível afirmar que

apesar do processo de sistematização e de individualização de várias ciências ao longo do século XIX, dentre elas a geografia, as ciências ainda guardavam uma estreita relação com a filosofia e em fins do século XVIII, todo o XIX e início do XX a filosofia kantiana ainda era marcante, o que se pode, por inferência, dizer que essa filosofia se espalhou por “territórios”, por assim dizer, geográficos em seu nascedouro e mesmo antes de sua sistematização oficial, Kant estabelece uma umbilical relação entre a geografia por ele lecionada e sua filosofia, o que insta a

³ KANT, Immanuel. Que é esclarecimento (*Aufklärung*). KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é esclarecimento? In. **Textos Seletos**. Tradução: Floriano de Sousa Fernandes. Vozes: Petrópolis, RJ, 2005, p. 65, escreve: “Para este esclarecimento, porém, nada mais se exige senão liberdade. E a mais inofensiva entre tudo aquilo que se possa chamar liberdade, a saber: a de fazer um uso público de sua razão em todas as questões.

dizer que sua geografia é eminentemente filosófica e sua filosofia é expressamente geográfica⁴.

O esclarecimento que indicamos é o da condição de possibilidade de contar a história dessa relação, entre ser humano e natureza (se é que há uma relação), entre geografia e filosofia de outra maneira, que não a já arregimentada, mas a partir do que Kant chamou de “tribunal” da “razão livre”, a fim de que se avance à maioridade, à fase adulta, e assim se tenha clareza e caso seja possível se abandone os trilhos e a esteira do modo padronizado, repetitivo e serial (para lembrar Aldous Huxley)⁵, isto é, da minoridade de contar, de produzir pesquisas e pensamentos, ou seja, que saiamos da incapacidade de pensar e agir por si mesmos, e assim se chegue a uma maioridade mais abrangente, a uma consciência mais esclarecida e adulta, isto é, ao criticismo.

Nesse sentido, perguntamos: qual seria a relação do conhecimento do mundo (natureza empírica) como geografia filosófica e como isso se efetiva como uma filosofia geográfica na construção do pensamento de Kant? Quais relações entre geografia e filosofia, no pensamento de Kant, que no final das contas, de forma direta e ou indireta, confere cientificidade à geografia como ciência que sistematiza a diversidade empírica e conhecível do mundo e ao mesmo tempo geografiza (especializa mundanamente) sua filosofia crítica?

Na construção do texto fizemos uso de algumas bibliografias fundamentais. No caso das obras de Kant, os da Academia de Berlim, texto que contém as obras completas de Kant em alemão⁶. Há ainda partes dessa obra traduzidas para o inglês, francês e português, que por sinal, já são traduções de certa maneira já “aprovadas” por grande número de comentadores de Kant. No caso do texto referente especificamente aos Cursos de Geografia⁷, utilizou-se em grande parte a organização feita em 1802 por Teodor Rink (1770-1811), que se encontra no

⁴ LOPES, J. G. **O conhecimento do mundo como geografia filosófica e filosofia geográfica em Immanuel Kant**. 2018. 439 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

⁵ “Os Alfás são condicionados de tal forma que não são necessariamente infantis no seu comportamento [...]. Mas isso é uma razão a mais para que façam um esforço especial no sentido de se adaptarem. É dever serem infantis, mesmo contra as próprias inclinações. Assim, pois, sr. Marx [...] se eu ouvir falar outra vez em alguma infração às normas do decoro infantil, pedirei sua transferência para um Subcentro [...]. Isso lhe servirá de lição”. HUXLEY, A. **Admirável mundo novo**. Tradução: Vidal de Oliveira. São Paulo: Globo, 2014, p. 124-125. Assim como Marx, personagem do livro, que não se tema às ameaças contra o esclarecimento, conhecimento, maioridade e ao uso público e livre da razão.

⁶ Vamos citar ao longo do texto como **AK**, seguida do volume em algarismos romanos e da página em algarismo arábico. Exemplo: KANT, Immanuel. **AK**, IX, p. 151. Vale aqui observar também que fizemos uma abreviatura das três Críticas. Crítica da Razão Pura – **CRP**, incluindo **A** para primeira edição (1781) **B** para segunda edição (1787); Crítica da Razão Prática – **CRPr** e Crítica da Faculdade de Julgar – **CFJ**.

⁷ Kant ministrou um curso de geografia na universidade de Königsberg durante 49 semestres, quase 40 anos, de 1756 a 1796. Com o material desse curso, em 1802, apareceu a primeira edição do curso de geografia física, publicada por Friedrich Theodore Rink, um dos ex-alunos de Kant.

volume IX das obras completas da Academia e dele não há versão em português ainda⁸, apenas no original em alemão, em inglês⁹ e francês¹⁰.

Kant, filósofo e professor de geografia: introdução.

Immanuel Kant (1724-1804) é considerado um dos grandes filósofos da modernidade. Segundo Lebrun (1993) sua filosofia é tão diferente e inovadora que modifica o modo de produzir pensamento de uma geração inteira¹¹. Além de filósofo de uma filosofia inovadora, Kant, durante quase 40 anos, por 49 vezes, entre aulas públicas e privadas, leciona geografia nos semestres de verão entre os anos de 1756 a 1796, na universidade de Königsberg.

Apesar desse longo tempo de ensino de cursos sobre geografia, Kant nunca assistiu na universidade uma aula de geografia, haja vista que a cátedra de Geografia só é fundada em 1820 em Berlim por Karl Ritter, cerca de 16 anos depois de sua morte¹². Kant, é aquele que também, mesmo sem nunca ter se ausentado de sua cidade natal, Königsberg, incentiva expressamente, bem como fala da importância de se conhecer o mundo por meio de viagens, com o fim de ampliar o conhecimento sobre o mundo, dentro de suas duas e inseparáveis perspectivas, a natural e a humana, o que engendraria, segundo ele, consequências de âmbito tanto natural (teórico – razão teórica) quanto prático (ético-político/julgar).

Assim, Kant, filósofo e professor de geografia, é também um daqueles filósofos que muitos se arriscam a dizer alguma coisa a respeito dele, de sua vida, de sua filosofia, de sua escrita etc. É conhecido dentre outras coisas por sua filosofia moral e seu “imperativo categórico”, por ter saído de sua cidade, por sua escrita hermética, esquemática, sistemática, aporética. Taxado de formalista vazio, racionalista, idealista, metódico, revolucionário do pensar, filósofo da liberdade, da autonomia etc.

Independentemente do que se diga, Kant é um dos pilares do pensamento filosófico moderno e um dos marcos da história da filosofia, ao ponto de ter sido considerado aquele que assim como Copérnico que revolucionou a ciência de um modo geral, mais

⁸ Há uma tradução em português da **Introdução** dos *Cursos de Geografia* na Revista **GEOgraphia** publicada em 2007, que consta de seis parágrafos. Que no original, esses seis parágrafos estão dispostos das páginas 156 a 166 do volume IX da Academia. Cf. KANT, Immanuel. *Introdução à Geografia Física*. Tradução: Leonardo Arantes. **GEOgraphia**, ano, IX, n. 17, p. 121-129, 2007.

⁹ KANT, I. **Natural Science**. Tradução: Lewis White Beck; Jeffrey B, Edwards; Olaf Reinhardt; Martin Schönfeld; Eric Watkins. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 434-679.

¹⁰ KANT, I. **Phisische Geographie**. Tradução: Michèle Cohen-Halimi; Max Marcuzzi; Valérie Seroussi. Paris: Aubier, 1999.

¹¹ LEBRUN, Gérard. **Kant e o Fim da Metafísica**. Tradução: Carlos Alberto. R de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

¹² Todavia, vale dizer que a partir de 1735, Frederico Guilherme I estabeleceu algumas exigências para a matrícula na universidade, dentre elas os candidatos teriam que saber línguas clássicas (latim, grego e hebraico), lógica elementar (silogismo), fundamentos de história, geografia e epistemologia. Cf. VORLÄNDER, Karl. **Immanuel Kants Leben**. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1986, p. 15-31

especificamente a física e a astronomia, quando contestou, minou e derrubou a teoria geocêntrica, estabelecendo a heliocêntrica, Kant, perpetrou a chamada “Revolução Copernicana do Pensar”, isto é, de reinventar toda a maneira de pensar e de fazer filosofia até então.

Apesar de tudo isso, Kant, não podemos considerar de outro modo, sob pena de imprecisão e superficialidade,

é um homem do seu tempo, um homem das “luzes”, que acompanha os processos de mudanças institucionais, culturais, científicas, sociais, que vão acontecendo em seu tempo e, assim, debate, pondera, aceita, rejeita, numa palavra, filosofa, isto é, participa, legisla, intervém na realidade posta de modo livre ou pelo menos é o que ele anunciava e pretendia. Ou seja, muda de fato a maneira de se compreender os grandes debates teóricos da filosofia até seu tempo¹³.

Essa é a razão que faz Fischer (1888) asseverar que mesmo diante das temáticas diversas e das suas respectivas complexidades não é salutar para que se faça uma boa interpretação sobre sua filosofia, não o ver como um sujeito histórico, isso trará uma maior imparcialidade interpretativa¹⁴.

Ricardo Terra (1995; 2005) fala sobre a questão da aporeticidade na interpretação do sistema kantiano, pois, segundo ele, apesar de Kant ser um escritor que busca um sistema e assim tem certa sistematicidade, ele vai se construindo mediante coesões, tensões, sobreposições, e de certa maneira um trabalho feito e ainda a ser feito, pois Kant, como diz Lehmann (1969), era um “*Federdenker*” (alguém que pensa escrevendo)¹⁵, o que deságua no sistemático e histórico, no inacabado, no em construção.

É um pensamento, como diz, Terra (Ibid.) vai se constituído com tensões, “desde a junção de tradições teóricas diversas em um mesmo conceito até apresentações conflitantes de uma mesma noção¹⁶”. Ele “vai do caráter sistemático ao extravasamento do sistema. Poderíamos dizer que há um momento sistemático e um momento aporético” (TERRA, 2003, p. 44)¹⁷. Para Diego Trevisan (2015), “a interpretação sistemática ou imanente ao texto sem a interpretação histórico-genética é vazia, a abordagem de retrospectiva histórica sem um claro

¹³ LOPES, J. G. Ibid., p. 21.

¹⁴ FISCHER, KUNO. **A Critique of Kant**. Tradução: W.S. Hough. London: Swan Sonnenschein, 1888, p. 67-74. Há aqui um debate sobre o Kant histórico e o sistemático, ora um ora outro, mas entendemos que há uma grande dificuldade em fazer essa separação, uma vez que Kant vai construindo seu pensar, vai assim processando sua filosofia e dizer que esse ou aquele conceito surge nesse período por causa de certa leitura, fato ou influência não é tarefa fácil, pode até ser, mas tem suas limitações.

¹⁵ LEHMANN, G. **Beiträge zur geschichte und Interpretation der Philosophie Kants**. Belim: Walter de Gruyter, 1969, p. 55; 78.

¹⁶ TERRA, Ricardo. **A Política Tensa: ideia e realidade na filosofia da história de Kant**. São Paulo: Iluminuras, 1995, p. 11.

¹⁷ TERRA, R. **Passagens: estudos sobre a filosofia de Kant**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2003.

ponto de ancoragem sistemática é cega. [...] sistema e história se entrecruzam e se apoiam mutuamente¹⁸”.

Filosofia crítica e a relação com o mundo – humano-natural

Kant tratou sobre temáticas diversas, tais como, razão, liberdade, autonomia, universalidade, moralidade, literatura, natureza, espaço, tempo, terremoto, geografia, ciências naturais, questões de política, de justiça e assim poderíamos dizer que a geografia seria mais uma das discussões e debates que o filósofo travou ao longo de sua carreira, no entanto a geografia é ensinada por Kant durante toda sua carreira de professor universitário e ela está inserida no Kant da época do “sono dogmático” da razão, bem como na época crítica, do despertar do sono da razão.

Kant assevera que a razão é comum a todos os homens e possui princípios, e assim como Descartes, acredita ser “a coisa do mundo melhor distribuída¹⁹”, que produz atividade, isto é, julga, representa, e desse modo, conclama que se alguém é racional deve agir como tal, deve agir, um agir com e sobre (outro-natureza-espaço), uma vez que agir racionalmente é uma prática, que cada um deve exercitar a sua maneira, por aprendizado próprio, um ousar saber/conhecer, um saber conhecer que não prescinde do mundo geográfico (espaço-natural-humano) como diz Kant, um “*Sapere aude*²⁰”.

Para Kant, portanto, se deve agir criticamente, agir no mundo, interferir no espaço mundano, por meio de uma filosofia que corresponda ou responda às expectativas da “época/século da crítica²¹”, por liberdade, por autonomia²², em detrimento da servidão, à

¹⁸ TREVISAN, Diego, K. **O Tribunal da Razão: um Estudo Histórico e Sistemático sobre as Metáforas Jurídicas na Crítica da Razão Pura**. 2015. 455 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015, p. 35-36.

¹⁹ “O bom senso é a coisa mais bem distribuída do mundo: [...] isso demonstra que o poder de bem julgar e de distinguir o verdadeiro do falso, que é propriamente o que se denomina **bom senso ou razão**, é por natureza igual em todos os homens. Cf. DESCARTES, R. **Discurso do Método**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 5 (destaque nosso).

²⁰ Aqui vale uma observação, Kant usa essa expressão latina em sua *Resposta à pergunta o que é esclarecimento* na tentativa de instruir seus leitores no exercício de ousarem conhecer por si mesmos, pela mediação de suas próprias razões. Há outra forma de interpretar a expressão pelos três significados possíveis para *sapere*, que é saber, sabedoria e sabor, dando a entender ou sugerindo os temas de suas Críticas, isto é, que além do ousar saber por si mesmo, (conhecimento – Primeira Crítica), deve-se ousar ser sábio (ação – Segunda Crítica), bem como experimentar o sabor das coisas, do mundo por si mesmo. (Faculdade de Julgar – estética – Terceira Crítica).

²¹ “A nossa época é a época da crítica, à qual tudo tem que submeter-se”. Cf. KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. Tradução: Manuela Pinto dos Santos; Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, prefácio A, XI-XII.

²² Em linhas gerais, a ideia de autonomia em Kant diz respeito à capacidade do sujeito fornecer uma lei a si próprio, ela não vem de fora para dentro, mas de dentro para fora. Não é de fora da razão, mas interior à própria razão, ao próprio sujeito, que é o próprio autor da lei dada a si. Quem age assim é o livre, pois livre é somente aquele que obedece a uma lei, a sua própria. O não livre age heteronomamente, por uma lei externa a si mesmo, ou a nenhuma lei, logo age não autonomamente. KANT, I, em **O que significa orientar-se no pensamento?** Tradução: Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985, p. 94, diz que “liberdade de pensar

heteronomia, presentes em épocas anteriores, obscuras, por assim dizer, de razão que não ousa, cativa, logo, a razão precisa ousar saber, precisa ser esclarecida, iluminada, ilustrada²³.

Kant diz que tudo o que ultrapassa o arranjo mecânico natural do homem, “a natureza quis que o homem tire de si [...] e que não compartilha nenhuma outra felicidade ou perfeição exceto a que ele, liberto do instinto, conseguiu para si mesmo, mediante a própria razão. [...]”²⁴. Assim, subsidiado pela “razão e [...] liberdade da vontade, que nela se funda [...] ele não deveria ser dirigido pelo instinto ou ser objeto de cuidado e ensinado mediante conhecimentos adquiridos; deveria, pelo contrário, extrair tudo de si mesmo”²⁵.

Ousar saber, ilustrar-se, ser crítico, portanto, é não simplesmente ter ampliado seu conhecimento sobre conteúdos, sobre as ciências, sobre as artes (acúmulo de conhecimento), mas sim mediante a própria razão saber como se deve conhecer o mundo natural e humano. Nesse sentido, de acordo com a revolução copernicana, conhecer não está na relação das coisas para com o sujeito, mas diametralmente oposta, na relação do próprio sujeito do conhecimento para com as coisas. É um pensar por si mesmo, é um agir por si mesmo.

Pensar por si mesmo significa procurar em si próprio (isto é, na sua própria razão) a suprema pedra de toque da verdade; e **a máxima de pensar sempre por si mesmo é a Ilustração (Aufklärung)**. Não lhe incumbem tantas coisas como imaginam os que situam a ilustração nos conhecimentos; pois ela é antes um princípio negativo no uso da sua faculdade de conhecer e, muitas vezes, quem dispõe de uma riqueza excessiva de conhecimentos é muito menos esclarecido no uso dos mesmos. Servir-se da sua própria razão quer apenas dizer que, em tudo o que se deve aceitar, se faz a si mesmo esta pergunta: será possível transformar em princípio universal do uso da razão aquele pelo qual se admite algo, ou também a regra adotada do que se admite²⁶?

Kant aqui já aponta para a ideia de um pensar e agir por si mas de modo responsável, conseqüente, conforme está posto na Crítica da Faculdade de Julgar, isto é, não um pensar e agir como restrito ao mero individualismo, mas como diz PIMENTA (Ibid., p. 182), “um modo de pensar conseqüente” e “pensar no lugar de todo e de cada outro, nem autonomamente e nem heteronomamente, mas com os outros em si (consigo mesmo)”²⁷, aquilo que Márcio Suzuki (1999) chamou de *o Homem do Homem e o Eu de Si Mesmo*²⁸.

significa que a razão não se submete a qualquer lei, senão àquela que ela dá a si própria [...]. A razão humana tende continuamente para liberdade”.

²³ “Ilustração é, portanto, o estado da mente que descreve o homem que pensa por si mesmo, que abandonou o estado de heteronomia para assumir a exigência de autonomia inscrita no uso de suas faculdades”. Cf. PIMENTA, Pedro Paulo. **Reflexão e Moral em Kant**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004, p. 175.

²⁴ KANT, I. **Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita**. Tradução: Ricardo Terra; Rodrigo Naves. São Paulo: Martins Fontes, 2010, 3ª proposição.

²⁵ KANT, I. Ibid., 3ª proposição.

²⁶ KANT, I. **O que significa orientar-se no pensamento?** Ibid., p. 98. (destaque nosso).

²⁷ Isso é o que Kant chama, na Terceira Crítica, de máximas do entendimento humano comum, que são três: “1) pensar por si mesmo; 2) pensar no lugar de todos os demais; 3) pensar sempre em concordância consigo próprio. A primeira é a máxima do modo de pensar livre de preconceitos, a segunda do ampliado e a terceira do conseqüente”. Na primeira não há heteronomia, mas autonomia, logo atividade e não passividade e não

Pensar e agir de modo responsável e consequente, no lugar de todo e de cada outro é pressuposto, segundo Rousseau, por uma condição de igualdade natural que se manifesta pelo socialmente pelo trabalho, tal condição natural desenvolvida pelo trabalho é o que confere ao homem *status* de humanidade²⁹. Kant assevera que é a partir da Leitura de Rousseau que ele adentra no “caminho certo dos direitos da humanidade³⁰”.

Eu mesmo sou por inclinação um pesquisador/investigador/cientista (*Forscher*). Sinto sede de conhecimento e anseio inquietantemente conhecer ainda mais e tenho satisfação em cada nova descoberta. Houve um tempo em que acreditava que só isso poderia honrar a humanidade e eu desprezava a ralé/plebe (*pöbel*) que não sabe nada. Rousseau me trouxe ao caminho certo. Tal vantagem ofuscante desaparece, aprendo a honrar os homens e iria me considerar mais inútil que um trabalhador comum, se não acreditasse que essa observação pode transmitir o valor de se estabelecer os direitos da humanidade³¹.

Kant aqui faz mediação entre natureza e homem, entre ciência natural e humana. Igualar a condição de trato entre os seres humanos, sem, todavia, desprezar a ciência e a filosofia. O filosofar consequente, que abarca a nosso ver natureza e humanidade, é como diz Suzuki (Ibid., p. 51) é um “saber cósmico, mundano, [...] está aquém ou além de todo estado civil. Discurso que preserva a autonomia da razão, pensar por si mesmo livre dos preconceitos – a filosofia é crítica, é um não lugar ou a capacidade cósmica de se por em todos os lugares”. Ou em outras palavras, filosofar é um saber cósmico, mundano, socioespacial, geográfico.

O filosofar tem assim consequências espaciais, geográficas, mundana, logo, também, social, pois somente autonomamente, racionalmente livre é que o sujeito se orienta no pensamento, “pois dada a insuficiência dos princípios objetivos da razão, [cabe] determinar-se na admissão da verdade segundo um princípio subjetivo da razão³²”.

Isto é, mudar o ponto de vista das coisas para si mesmo, para o sujeito, para seu próprio entendimento, para sua própria razão, que para além de si pensa geograficamente no

preconceito; a segunda é aquela que permite ir além de sua subjetividade privada e julga de um ponto de vista universal e a terceira a da razão (que pensa consequente), a que faz a ligação da primeira, que é vinculada ao entendimento, com a segunda, que é vinculada ao julgar. Cf. KANT, I. **Crítica da Faculdade de Julgar**. Tradução: Fernando Costa Matos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016, p. 192-193.

²⁸ SUZUKI, Márcio. O Homem do Homem e o Eu de Si Mesmo. São Paulo: **Discurso**, n. 30, p. 25-61, 1999. Aqui se aponta também para o que Thomas Hobbes diz no *Do cidadão* e no *Leviatã*, sobre o esforço de moderação das paixões humana, naturalmente tendente ao mal, deve-se colocar no lugar do outro a fim de alcançar o conhecimento das leis da natureza. “[...] quando não tiver certeza se o que faz a outrem é permitido ou não pela lei de natureza, que se ponha no lugar do outro”. HOBBS, Thomas. **Do Cidadão**. Tradução: Renano Janine Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 69. No *Leviatã*, escreve que: “[...] esse resumo é: Não façam aos outros o que não gostariam que te fizessem a ti”. HOBBS, T. **Leviatã**. Tradução: João Paulo Monteiro; Maria Beatriz da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 135.

²⁹ ROUSSEAU, Jean Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999; ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou da Educação**. Tradução: Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

³⁰ KANT, I. **Bemerkungen zu den Beobachtungen über das Gefühl des Schönen und Erhabenen** (*Comentários sobre as “Observações do Sentimento do Belo e Sublime”*). Cf. KANT, I. **AK**, XX, p. 44.

³¹ KANT, I. Ibid. **AK**, XX, p. 44.

³² KANT, I. Ibid., p. 76.

lugar do outro. Baseado nisso, Kant convida a todos, para que por uma razão engajada, consequente, se possa melhorar o mundo:

Amigos do gênero humano e daquilo que lhe é mais sagrado! Admiti aquilo que depois de cuidadoso e honesto exame vos pareça mais digno de crença, quer se trate de fatos, quer sejam princípios da razão. Somente não contesteis à razão aquilo que faz dela o supremo bem da terra, a saber, o privilégio de ser a definitiva pedra de toque da verdade. [...]. Para contribuição da melhoria do mundo³³.

Melhoria do mundo não se faz sem saber como se conhece o mundo e assim conhecer aquilo que faz o mundo ser mundo, isto é, a relação indissociável entre sua parte natural e sua parte humana, ou seja, o conjunto dos fenômenos dados espaço-temporalmente, dados geograficamente. É nesse sentido que Kant é um revolucionário do pensar, o Copérnico da filosofia, por ter mudado toda a forma de ver, analisar e conhecer o mundo, dentro dos limites que é possível ao ser racional finito, tanto em seu uso teórico (razão pura), quanto em uso prático (razão prática).

Entender isso significa, dentre outras coisas, que há uma relação umbilical entre filosofia e ciência, coisa que passou a ser, pós efetivação mais ampliada das chamadas ciências particulares, principalmente a partir do século XIX, dentre elas a geografia, algo mais difícil de se perceber de modo mais claro, já que o caminho agora é da separação, o da especificidade, de objetos de pesquisas distintos, cujo fundamento filosófico vai deixando de ser algo central, passando à ser algo mais marginal, já que a abstração cede lugar ao pragmático, à empiricidade, à aplicabilidade, à utilidade, ao cálculo, à positividade, são essas as características que tomam a frente das reflexões filosóficas e, desse modo, o lastro teórico (abstração) das ciências tornam-se mais acidentais do que essenciais³⁴.

Nesse sentido, passamos, como diz Adorno e Horkheimer, a submeter todas as coisas à razão instrumental³⁵ e a filosofia, caso queira aparecer ou ter algum *status* de importância, é assim que deverá proceder, o que gerará sérias dificuldades, haja vista ser a filosofia de ordem não imediata, palpável, mas da ordem da abstração, da reflexão, da crítica³⁶.

Teríamos assim, criticidade e reflexividade, que agrega facticidade e abstração, isto é, filosofia e ciência, homem e natureza, coisa que Kant não fará separação e terá a geografia

³³ KANT, I. *Ibid.*, p. 96-98.

³⁴ JAPIASSU, H. **Como nasceu a ciência moderna e as razões filosóficas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, fala da força do método experimental, que é a partir de meados do século XIX, com sua sistematização feita por Claude Bernard, passando ser a partir disso considerado o “método científico”, com toda sua positividade e experimentação vai cada vez mais se desvencilhando da filosofia.

³⁵ A razão/pensamento tem agora que se mostrar operacional, instrumental, não abstrato-científico, como era à época do iluminismo, como diz ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução: Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

³⁶ CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000, p. 8-13.

como uma ciência que nessa relação entre ciência e filosofia seria fundamental para o conhecimento do mundo.

Tal imbricação, criticidade e reflexividade, faz com que o indivíduo reflita sobre suas ações no mundo, sobre suas relações com os espaços, com a natureza e com outros seres humanos, isto é, com o mundo das coisas (natural-objetivo) e com o mundo histórico-cultural (organizações, instituições, produções humanas – artificial-subjetivo). Nesse sentido, emergiria à questão dos motivos, do *telos*, de todo esse conjunto de relações e ações é produzido, bem como dos porquês que em última instância apontaria para aquilo que está subjacente, a capacidade humana de perguntar sobre a finalidade do conhecimento e da ação, da cena onde se desenvolve a sua existência, no mundo, dado dentro das fronteiras de suas condições de possibilidades, espaço-temporalmente.

Para Antonio Carlos Vitte (2014), a discussão dessas relações dentro da geografia deveria ser mais presente, mas, segundo ele, há uma série de dificuldades que impossibilita um “refletir filosófica e epistemologicamente sobre sua ciência, a partir da potência da filosofia”. Caso assim fosse, teríamos uma ampliação do debate de construção teórica da geografia, pois, segundo ele, a geografia “é produto de um profundo refletir ontológico e metafísico [...]; uma *naturans* potencializadora de imanências que se materializam em formas, arranjos geográficos, definidos a partir da ação humana em sua relação com a natureza [...], uma reflexão filosófica, fundamentada pela estética e pela antropologia³⁷”.

A “Revolução Copernicana” da filosofia, assevera que as coisas, os objetos, se voltam ao sujeito, e não o inverso, como até então tinha sido considerado, ele (sujeito) é o *locus* de constituição e da condição do aparecimento das coisas, não enquanto tais (*noumenon*), mas como fenômenos, a realidade (*wirklichkeit*) para nós seres racionais finitos. Os fenômenos (*phainomenon*) são dados a ele, dentro das condições receptivas do próprio sujeito que permitem que sejam dados e assim apareçam (*erscheinung*), logo, os fenômenos aparecem como frutos dessa relação, pois o sujeito é aquele que possibilita, dentro de sua constituição própria, as condições de possibilidade deste aparecer, como diz Kant, algo só aparece para nós se forem dadas as condições para que apareça³⁸, logo há uma anterioridade, um *a priori* que garante possibilidade ao fenômeno e assim ao aparecível de aparecer, isto é, experiência possível para nós.

³⁷ VITTE, Antonio, Carlos. (Orgs). **Kant, kantismo e a geografia: história, percalços e possibilidades investigativas**. Curitiba: Appris, 2014, p. 9.

³⁸ KANT, I. **CRP**. Ibid., Prefácio, p. B XXVII. “Caso contrário, seríamos levados à proposição absurda de que haveria fenômeno (aparência), sem haver algo que aparecesse”.

Nesse sentido, os seres racionais finitos constroem o mundo, dá sentido ao mundo, e a toda a realidade possível. A relação que o homem agora estabelecer com a natureza não é mais como era até então, uma vez que ocorre a passagem do conhecimento dos entes enquanto entes (essências), metafísica clássica, para o quê e como se conhece a partir do próprio sujeito. De como o aparecível aparecido, o real fenomênico, vem aos sentidos e a ele é dado um sentido, uma determinação³⁹. No processo de conhecimento, portanto, o sujeito que conhece é o centro.

Com Kant, a relação entre objetividade e subjetividade é invertida, ou seja, não é a objetividade que engendra a subjetividade, ao contrário é a subjetividade do sujeito que possibilita a objetividade⁴⁰. O homem não é mais simplesmente uma parte na ordem imutável do todo, mas sim o sujeito de seu próprio conhecimento, do sentido e de sua ação no mundo. Ele sai, portanto, por assim dizer, da passividade, da contemplação, da descrição passiva, à atividade, à práxis, e sua relação com os espaços, com os territórios, com o mundo é completamente modificado, logo, nesse sentido a relação entre filosofia e geografia ganha novos contornos, novas nuances, novos prismas, a partir de Kant.

Isso significa dizer que a relação do homem com a natureza, com o todo, que se dava a partir de uma ideia de harmonia pré-estabelecida, não é mais o de perceber o seu lugar na ordem imutável do todo, como era para a filosofia grega clássica, principalmente para Platão e Aristóteles, mas agora é de uma relação ativa, sendo que a subjetividade (o sujeito) pode se “impor”, sobre o mundo objetivo, sobre a facticidade, sobre si mesmo, enquanto fenômeno, e assim gestar, determinar, e fornecer o sentido de tudo, numa palavra, dá uma finalidade aos homens e a seu mundo.

Portanto, agora, a natureza, sai da instância de simples doadora, e passa a ser aquela que permite ao homem a partir de sua espontaneidade exigir que a natureza responda às suas questões. Isso será efetivado, a partir de princípios da razão em sua aliança com a experiência. E nesse caso, é preciso mediação, coisa que se constituirá, segundo Oliveira (2003), como base ou fundamento do projeto de saber da modernidade e das ciências particulares⁴¹, dentre elas a geografia que se sistematiza na segunda metade do século XIX.

Nessa relação se levará em consideração as condições de possibilidade da experiência, o que faz entrar em cena os princípios da razão como condição de possibilidade dessa experiência e a experiência como forjadora do modo de pensar consequente sobre o homem e seu mundo. Assim, o experimentar os dados da experiência desembocará na geografia, uma

³⁹ OLIVEIRA, Manfredo, Araújo de. **Ética e práxis histórica**. São Paulo: Ática, 1995.

⁴⁰ KANT, I, op. cit., p. B 244.

⁴¹ OLIVEIRA, M, A. **Ética e Sociabilidade**. São Paulo: Paulinas, 2003.

vez que está é, segundo Kant, é a ciência que conhece mundo que é dado ao indivíduo espaço-temporalmente, a partir de sua subjetividade, ou seja, dentro de uma relação não só de contemplação da natureza, mas de intervenção e de fornecimento de fins.

Kant e sua geografia.

Immanuel Kant, apesar de nunca ter saído de sua cidade natal, Königsberg⁴², não significou eu não entendia a importância de se conhecer o mundo *in loco*, através de viagens, para que se ampliasse o conhecimento acerca do mundo. Entendia tanto essa importância que escreveu várias vezes sobre essa necessidade, assim como incentivou que isso fosse feito por seus alunos. Kant, sem ter feito o que achava importante e o que incentivava, conhecer o mundo em sua dinâmica natural e cultural, mesmo assim lecionou 49 vezes um curso de Geografia, criado e organizado por ele nos semestres de verão na Universidade de Albertina em Königsberg entre os anos de 1755/56 a 1796⁴³, cerca de 40 anos de prática docente sobre o que ele chamou de “propedêutica do conhecimento do mundo”, tal conhecimento fazia necessariamente, para ele uma relação entre humano e natureza.

Kant entendia que pelo fato de estar numa cidade como Königsberg não necessitava de longas viagens para se ter conhecimento e fazer análises sobre o mundo, pois em sua *Antropologia de um ponto de vista Pragmático*, traz uma possível argumentação para sua não saída de Königsberg, quando diz que

viajar, ainda que seja apenas pela leitura de relatos de viagens, é um dos meios de ampliar o âmbito da antropologia. Mas para ampliá-la numa dimensão maior **é preciso ter adquirido conhecimento do ser humano em sua própria terra**, por meio das **relações** com os conterrâneos da cidade ou do campo, se se quer saber o que se deve buscar fora [...] Uma grande cidade, centro de um reino no qual se encontram os órgãos estatais do governo, que tem uma universidade (para o cultivo das ciências) e uma situação propícia ao comércio marítimo, que por meio dos rios favorece tanto trânsito do interior do país quanto para países vizinhos e distantes de diversas línguas e costumes – uma tal cidade, como é Königsberg, às margens do rio Pregel, já pode ser considerada um lugar adequado para ampliação, tanto do conhecimento do ser humano, quanto do conhecimento do mundo, onde este pode ser adquirido mesmo sem se viajar⁴⁴.

Kant em 1755 recebe os títulos de mestre e doutor-livre docente em filosofia e é nomeado *privatdozent*⁴⁵ da universidade, mas, apesar disso, não tinha salário fixo, uma vez

⁴² A época de Kant, Königsberg pertencia à Prússia, depois ao império alemão em 1871, mas ainda como Prússia, com o fim da Prússia em 1940, Königsberg é anexado ao “território” da União Soviética, passando a se chamar Kaliningrado, e por fim, com a desagregação da URSS, Kaliningrado passou a pertencer à Rússia.

⁴³ A partir de 1772 até 1796, no semestre do inverno, como ampliação dos seus cursos sobre metafísica, Kant leciona Antropologia como a outra parte do conhecimento do mundo, ou seja, aquilo que é útil, assim como a geografia, a todo homem. Cf. KANT, Immanuel. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. Tradução: Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 11.

⁴⁴ KANT, I. *Ibid.*, p. 22.

⁴⁵ Licença para lecionar na Universidade, todavia sem o recebimento de salário fixo. WOOD (2005). Escreve que: “Kant retornou à vida universitária em 1755 [...] como *Privatdozent*. [...] licenciado para ensinar na

que só recebia salário regular quem detinha uma cátedra de alguma disciplina. Essa é uma das razões pela qual Kant lecionou sobre muitas coisas, cursos livres⁴⁶, que os alunos pagavam para ele ensinar e a partir disso, de certa maneira, tirava seu sustento.

Todavia, mesmo após se tornar professor oficial, responsável pela cátedra de lógica e metafísica da universidade, em 1770, Kant continuará a lecionar o curso de Geografia até o final de sua carreira docente, até 1796⁴⁷. Ademais, a geografia fazia parte de seu programa de ensino oficial a serem lecionados, não fazendo parte dos ensinamentos esporádicos. A geografia era tão oficial, por assim dizer, que foi depois de lógica e metafísica o curso que mais fez parte da carreira docente de Kant, sendo até mais representativo, pelo menos do ponto de vista quantitativo, do que filosofia moral, ministrado por 28 vezes, e a geografia por 49 vezes.

No processo de preparação dos cursos e ensino da geografia, o “conhecimento do mundo” (*weltkenntnis*), para Kant, ocorriam certas dificuldades. Primeiro: não havia um livro, um manual propriamente dito para se lecionar geografia, Kant estava sendo uma espécie de desbravador na docência dessa “ciência” na universidade⁴⁸. Ele introduz o ensino de geografia como disciplina regular na universidade, antes mesmo da criação “oficial”, por assim dizer, da disciplina, uma vez que se tornava oficial quando era criada a cátedra da disciplina, coisa acontecida apenas em 1820, quando o geógrafo e filósofo Karl Ritter funda a cátedra de geografia na universidade de Berlim.

Segundo, seu conhecimento empírico se resumia à Königsberg, uma vez que nunca viajou para conhecer o mundo e assim transmitir suas experiências sobre o conhecimento do mundo a seus alunos⁴⁹, assim ficou restrito aos relatos de viagens, enciclopédias, revistas e livros que chegaram ao seu conhecimento sobre o que se descrevia e narrava sobre a terra em

Universidade, mas não recebia nenhum salário, de modo que ele tinha que ganhar a vida a partir de taxas pagas pelos alunos por seus cursos e palestras”. (tradução nossa). WOOD, A. **Kant**. Malden: Blackwell, 2005, p. 6.

⁴⁶ Assim, além dos 49 cursos de Geografia, ministrou aulas sobre Lógica (56 cursos), Metafísica (53 cursos) Filosofia moral (28 cursos), Física (21 cursos), Antropologia (24 cursos), Matemática (15 cursos), Direito natural (12 cursos), filosofia geral-enciclopédica (10 cursos), Teologia natural (04 cursos), Pedagogia (04 cursos), Mecânica (02 cursos) e Mineralogia (01 curso). Cf. em: www.manchester.edu/kant. Acesso em 21/10/2017.

⁴⁷ “O jovem filósofo que acabara de obter o título de *Privatdozent* na sua universidade, no final de setembro de 1755, devia estar já a preparar, desde os últimos meses desse ano o Curso de Geografia Física, que, por sua iniciativa, viria a criar e a lecionar no semestre de Verão (Primavera de 1756) desse seu primeiro ano de docência acadêmica”. Cf. DOS SANTOS, L. R. Pensar a catástrofe, pensar a atualidade: os ensaios de Kant sobre o terremoto de Lisboa. **Revista Studia Kantiana**, n. 20, p. 21-49, 2016.

⁴⁸ Como filósofo, Kant, certamente é pioneiro, mas vale mencionar que em 1755, Johann Michael Franz (1700-1761), que fundou em 1746 a sociedade cosmográfica de Nuremberg (*Cosmographische Gesellschaft*) lecionou geografia na universidade de Göttingen. WITHERS, C. (2011, p. 54). A geografia também foi ensinada em Göttingen por Anton Friedrich Büsching, (1724-1793) professor de filosofia lá entre 1754 e 1761, e autor da *Erdbeschreibung* (“Descrição da Terra”), que apareceu em onze volumes entre 1754 e 1792. Cf. WITHERS, C. Kant’s Geography in Comparative Perspective. In: ELDEN, Stuart; MENDIETA, Eduardo. **Reading Kant’s Geography**. E. Albany: State University of New York, 2011, p. 54.

⁴⁹ Kant “não pratica nenhuma pesquisa empírica própria, mas, antes, dedica-se quase que exclusivamente à elaboração de temas globais – aqui como plenamente filósofo num uso [...] moderno do termo”. Cf. STARK, Werner. Einleitung. In: KANT, I. **Vorlesungen über physische Geographie**, AK XXVI.

suas perspectivas naturais e culturais. Portanto, suas aulas, em resumo, não eram resultados de pesquisa de campo, direta, de dados primários, mas a partir de dados secundários, indiretos, organizados e sistematizados, a partir desses relatos, com exceção, claro, daquilo que Kant analisava em sua própria cidade, coisa que fazia com frequência.

Em terceiro lugar, por que a partir de 1770 começou uma forte censura sobre os livros e os materiais publicados para se lecionar qualquer disciplina na universidade. Tal fiscalização ficara sob a responsabilidade do ministro da educação, que nessa época era Karl Abraham von Zedlitz. Ele era o responsável por analisar se os materiais tinham alguma ideologia religiosa ou política diferente das aceitas pelo governo de então. Diante disso, Kant, submete seu curso de geografia ao então ministro, enviando-lhe uma cópia escrita do curso para que fosse analisada⁵⁰.

O material de Kant é analisado e aprovado, recebe a autorização oficial para continuar ensinando geografia e a partir de suas próprias compilações e anotações, os chamados “*Diktattext*”, já que para essa disciplina em específico não existia manual disponível⁵¹. Os *Diktattext* eram textos organizados e preparados por Kant entre os anos de 1756 a 1759 para suas aulas e era composto por transcrições e notas de livros e publicações que existiam ao alcance de Kant até aquela época sobre geografia, relatos de viagens, escritos de ciências naturais e coisas semelhantes⁵².

Os cursos de geografia de Kant.

Para Erich Adickes⁵³ e Werner Stark, dois leitores dos cursos de geografia de Kant, os cursos de geografia trazem dificuldades de compilação, leitura e interpretação, e nesse sentido deve-se destacar dois pontos: um referente a questão da autenticidade dos textos que se atribui a Kant e dois pela questão da quantidade de textos e de notas sobre esses cursos. Há mais

⁵⁰ Richard Hartshorne (1958, p. 99), escreve que existiam algumas cópias dos cursos de geografia de Kant circulando, entre os estudantes antes da publicação de 1802, e pelo menos uma Kant envia ao governo em Berlim. “Kant himself never published these lectures, but numerous handwritten copies were circulated among students and at least one had been sent by Kant to a government official in Berlin”. Cf. HARTSHORNE, R. The Concept of Geography as a Science of Space, from Kant and Humboldt to Hettner. Washington. **Annals of the American Association of Geographers**, v. 48, n. 2, p. 97-108, 1958; Cf. ADICKES, E. **Untersuchungen zu Kants physische Geographie**. Saarbrücken: Verlag, 2009.

⁵¹ No parecer (16 de outubro de 1778), Zedlitz diz que se a disciplina tem algum livro já estabelecido não se era permitido fazer notas e acréscimos sobre o livro. “[...] porém, fazemos exceção ao Professor Kant e seu curso sobre Geografia Física, para o qual ainda não há um livro apropriado”. Cf. users.manchester.edu/facstaff/ssnaron/kant, acesso em 07/11/2017 (tradução nossa).

⁵² Cerca de dois terços do material não eram do próprio Kant, mas apenas selecionados, organizados para suas aulas, apesar de que Kant fazia comentários e notas no que ele selecionava, bem como o restante do texto ser de seu próprio punho. Stark (2014.) diz que o texto continha 59.200 palavras que não eram de Kant e 1.100 palavras e comentários de Kant. Cf. STARK, Werner, 2014.

⁵³ ADICKES, E. **Untersuchungen zu Kant’s physischer Geographie**. Tübingen: Mohr, 1911a; ADICKES, E. **Kants Ansichten über Geschichte und Bau der Erde**. Tübingen: Mohr, 1911b; ADICKES, E. **Kant als Naturforscher**, 2vols. Berlin: Walter de Gruyter, 1924-25.

trinta escritos, textos, notas etc., feitos por ex-alunos que fizeram o curso e participaram das aulas de geografia de Kant. Alguns desses escritos já foram publicados e outros apenas se tem notícia de suas existências. Conforme Stark (2009) há vinte e sete manuscritos conhecidos, classificados por ele em treze grupos distintos⁵⁴. Adickes (1911; 1925) classificou os textos por ele conhecidos e de que teve acesso por letras do alfabeto⁵⁵.

Depois das compilações e organizações feitas pelos autores acima citados, sabe-se que há 36 trinta e seis conjuntos de anotações de estudantes desses cursos sobre geografia. Desse total, dezessete são existentes, publicados ou não. Há ainda quinze desses textos que já foram publicados parcial ou totalmente, que são dois manuscritos de Rink, três de Vollmer. Fragmentos de: Karmann, Königsberg 2, Königsberg 3, Königsberg 4, Prússia, Reicke 3, Starke 4, Crueger, Puttlich 2 e Vigilantius 1.

Das publicações já feitas, um total de 28, quer parcial ou completa, estão inclusas às publicações Vollmer (os três manuscritos publicados entre 1801 e 1805) e as de Adickes entre 1911 a 1925 (estão incluídas aqui as notas, os fragmentos e pequenos escritos)⁵⁶.

Kant em setembro de 1793, em troca de correspondências com um ex-aluno, data já bem próxima do fim de sua atividade docente e assim também data de um dos últimos cursos de geografia, podemos ver que as características gerais sobre o que trata a geografia são:

trata-se do conhecimento do mundo, das coisas na medida em que estão em relações comuns e mútuas, na medida em que são consideradas em relação ao espaço e o tempo. [...] a geografia leva em consideração o espaço em que as coisas se encontram. A geografia, portanto, trata: 1) Conhecimento das coisas da natureza de acordo com a diferença de espaço, lugares e locais em que as coisas estão na Terra; 2) Para todas as geografias a geografia física é o fundamento; 3) a geografia

⁵⁴ Stark (2009) separou os textos, escritos e notas em cinco grupos, A, B, C, D e X. Os do grupo A foram subdivididos A0, A1, A2, cuja formação ou origem (Entstehung) são datadas dos anos de 1757 a 1770. Os do grupo A0 formados entre os anos de 1757-59 são os chamados Diktattext, são eles: Karmann, Reicke 4, Königsberg 2, Königsberg 4. O do grupo A1 datado dos anos de 1763-64: Herder 1. O do grupo A2 formado em 1770: Hesse. Os do grupo B foram divididos em B0 e B1. São datados de 1774/75 a 1779. Os do grupo B0 datados de 1774/75 são: Kaehler J. S, Werner e Rink 2. Os do grupo B1, formados entre 1776 a 1779 são: Messina, Fehlhauer, Prussia, Busolt 2 e Wolter. Os do grupo C foram divididos em C0, C1, C2, cuja formação é referida aos anos de 1780 a 1787. Os do grupo C0 datados de 1780 a 1785 temos: Dönhoff, Puttlich 2. Do grupo C1, formado em 1785: Volckmann 1. Da seleção C2, de 1787: Reicke 3. A seleção D foi dividida em D1, D2, D3. Esses textos são datados de 1790 a 1793. O grupo D1 de 1790/91 é representado por: Starke 4. O D2, do ano de 1792, por: Dohna, Wundlacken 2 e Königsberg 3. Do grupo D3, do ano de 1793 temos o Vigilantius 1. Por fim, a seleção X são textos e notas de datações variadas, formados entre os anos de 1772 a 1785. O conjunto X1 é composto por: Rink 1 (1772), Philippi 2 (1772-73), Friedländer 2 (1772) Powalski (1777), Barth (1784). Os do grupo X2, cuja origem é do ano de 1784-1785, são: Pillau 3 e Crueger. Disponível: http://kant.bbaw.de/base.htm/texte.htm/frg_vig.htm. Acesso em 25/08/2019.

⁵⁵ A lista organizada por Adickes (Ibid.) em trabalhos feitos entre os anos de 1911 a 1925 está disposta da seguinte maneira: A (Herder 1); B (Holstein-Beck); C (Karmann); D (Friedländer 2); E (Königsberg 2); F (Powalski); G (Königsberg 4); H (Barth); I (Pillau 3); K (Reicke 4); L (Crueger); M (Fehlhauer); N (Prussia); O (Busolt 2); P (Volckmann 1); Q (Puttlich 2); R (Reicke 3); S (Königsberg 3); T (Vigilantius 1); U (Rink 2); W (Werner); Z (Wolter).

⁵⁶ Conferir o livro 26 da Kant's Gesammelte Schriften. Textos coletados a partir das palestras, notas e escritos, por Werner Stark, sobre os cursos de geografia de Kant. Cf. STARK, W. **Vorlesungen über Physische Geographie**. Berlin: Walter de Gruyter, 2009.

físico/matemática lida com o tamanho, a forma da terra e sua divisão por diferentes linhas, que devem ser pensadas em virtude de seu movimento em torno do sol e em torno de seu eixo⁵⁷.

Em outro escrito datado de 1791 é possível ler que a geografia é: “a descrição da terra (geografia) é um conhecimento do que é agora no presente encontrado na terra e pode ser considerado como uma descrição natural ou como uma descrição política”⁵⁸.

Diante desses vários textos referentes à geografia kantiana, da dificuldade de compilação, organização, identificação, há ainda o do entendimento da própria escrita dos textos, de clareza, uma vez que há muitas rasuras, falta de páginas, riscos etc. E para além disso ainda há a recusa de imediato do próprio Kant em publicar esses textos enquanto estava vivo, pois achava que ajeitar o texto, organizar, revisar, complementar, suprimir etc. seria um trabalho dispendioso e devido sua idade avançada ele achou que não valeria a pena publicar sem os devidos cuidados, o que a nosso ver mostra o zelo e a importância endereçada por Kant à geografia, uma vez não teve interesse inicial de publicar sem tais revisões.

Assim, é possível asseverar que os cursos de geografia lecionados por Kant ao longo de quatro décadas, tiveram um “papel especial” em sua vida⁵⁹, não apenas do ponto de vista quantitativo, dos quarenta anos de ensino e por ter sido o terceiro curso mais lecionado em sua carreira docente, mas também por ter sido fundamental no desenvolvimento de suas reflexões filosóficas, ao ponto de Stark (2001) dizer que Kant tinha uma “fraqueza/queda pela Geografia (*ein Faible für Geographie*)⁶⁰”.

Diante do exposto podemos dizer que apesar da totalidade dos escritos correspondente aos cursos de geografia de Kant não ser propriamente dito dele, pois o que se tinha escrito sobre a geografia era alvo de seleção, recortes, supressões, ampliações, ajustes, notas, comentários etc., mas ao mesmo tempo era a única aula que Kant lecionava sem que ele usasse um manual de outro autor, já pronto⁶¹, e assim, no final das contas, os cursos de geografia eram ministrados não por um manual propriamente dito, mas por essas coletâneas de textos, relatos de viagens e acréscimos críticos feitos por Kant a partir de sua filosofia e das análises feitas empiricamente em sua cidade Königsberg, conforme Kant assevera ter feito. Isso faz que, de certa maneira, sejamos autorizados a dizer que o material utilizado por

⁵⁷ Carta de Iohann Friedrich Vigilantius a Kant em 18 de setembro de 1793. KANT, I. **Briefwechsel. AK XI**, p. 450. Estudou geografia com Kant entre 1793-1794.

⁵⁸ Disponível: http://kant.bbaw.de/base.htm/texte.htm/frg_vig.htm. Acesso 3/06/2020 (tradução nossa).

⁵⁹ “Esta palestra teve um papel especial na vida do palestrante/professor Kant”. Cf. STARK, W. Palestra em Marburg 2001 (tradução nossa).

⁶⁰ “Kant evidentemente desenvolveu e manteve uma fraqueza pela geografia. (*Kant offensichtlich ein Faible für Geographie entwickelt und beibehalten hat*)”. Cf. STARK, W. Ibid. (tradução nossa).

⁶¹ Ele sempre usou os livros didáticos de outros autores contemporâneos para lógica, metafísica, filosofia moral, religião natural, filosofia jurídica, antropologia e enciclopédia, ou mesmo para física e matemática. Cf. STARK, W. Ibid.

Kant era autoral. Essa é a razão pela que Stark (Ibid.) dizer que “Kant formulou o *Physicam Geographiam*⁶²”.

Considerações finais

Para além das dificuldades de selecionar, organizar e lecionar geografia a partir de relatos de viagem, pesquisa indireta e de suas próprias anotações, Kant, trata a geografia como uma ciência de importância seminal, não só pela curiosidade que ela trazia a seus alunos (o que instigava o conhecimento mais amplo do mundo), não apenas por ter sido a terceira disciplina mais lecionada por Kant ao longo de seus 40 anos de docência e não simplesmente por ela ter estado presente em todas as fases de desenvolvimento de sua filosofia, mas sim, a nosso ver, pela intrínseca relação que Kant estabelece entre essas duas áreas do conhecimento humano, a geografia e a filosofia. Que se fez presente ao longo do desenvolvimento de sua atividade professoral e de seu pensamento filosófico.

No entanto, apesar de certa evidência nessa relação, ela é, todavia, marcada por uma complexa e tensa relação, uma vez que o conhecimento possível para nós seres racionais finitos é o físico, o sensível, o fenomênico, o da experiência espaço-temporal, geográfico, mas a razão, como diz Kant na busca de esclarecimentos mais amplos, de completude, sempre tenta ir além das fronteiras possíveis.

Portanto, é uma relação marcada entre o mundo factual, da sensibilidade-entendimento e um mundo outro que a razão exige, fora dos limites passíveis de conhecimento. Logo o pensar geográfico estaria dentro da completude ou do todo possível, dentro das fronteiras (*grenze*) e dos limites (*schranke*) seguros. Se é assim, não seria possível pensar que a geografia estivesse fora do seu lecionar, do seu pensar sobre a filosofia, razão pela qual essa é a ciência que participa do Kant de pensamento dogmático, sem dúvidas, mas também do Kant maduro, de pensamento crítico, das críticas da razão.

O que significa dizer que mesmo sendo a crítica um pensamento antidogmático e revolucionário, ele não prescinde do pensar geográfico, como útil a todas as circunstâncias da vida e do conhecimento racional seguro. A geografia faz a mediação entre sabedoria e ignorância⁶³. Uma relação entre conhecimento do mundo que se dá na experiência, evidenciado pela crítica, com os postulados exigidos pela razão que tende a ultrapassar o conhecimento possível na busca do fechamento do sistema da razão.

⁶² STARK, W. Ibid.

⁶³ “Toda a ignorância ou diz respeito às coisas ou à determinação e aos limites do meu conhecimento. [...] a ignorância [...] deve levar-me, no primeiro caso, a investigar dogmaticamente as coisas (objetos); no segundo caso, a investigar criticamente os limites do meu conhecimento possível. Cf. KANT, I. Ibid., p. B 787

A geografia, enquanto experiência geral espaço-temporal, que fornece unidade ao diverso factual, e que a crítica ensina, geograficamente, *a priori* e *a posteriori*, mostra assim que há limitações no conhecer, mas a razão não se contenta e necessita postular uma realidade que lhe faça sentido, que não se limite às fronteiras do conhecimento sensível.

Kant, nesse sentido, estabelece uma dinâmica tensional, tanto da filosofia (teórico-prática) como da geografia (natureza em geral-específica) ou da relação entre ambas, uma vez que em um primeiro momento sob a égide da relação entre sensibilidade e entendimento, Kant mostra a necessidade de se fundamentar fronteiras territoriais capazes de trazer segurança ao conhecimento, configurando aquilo que ele chamava de “geografia da razão”⁶⁴, isto é, de uma razão entre “fixos”, que precisa hastear o dado espaço-temporal, recepcionado por suas formas sensíveis (espaço-tempo), mas ao mesmo tempo a razão exige os “fluxos”, o ir além, a viagem em busca de maior abrangência, em busca da totalidade incondicionada, de completude. Portanto, uma tensão, entre entendimento-razão, entre liberdade-natureza.

Esse dilema também marcava a vida factual de Kant, pois como sabemos nunca saiu de Königsberg, mas ao mesmo tempo ensinava sobre a importância de se conhecer o mundo, o que talvez nos indique que desejava assim proceder⁶⁵, apesar de que tenha expressado não gostava muito de mudança⁶⁶, logo se estabelece o dilema entre uma geografia da razão local com uma geografia da razão global. Kant, como sabemos, resolve ficar apenas em Königsberg⁶⁷. Todavia não tolhe a necessidade do pensamento viajar, da razão conhecer, o que tentou mostrar, expandindo o mundo e o seu conhecimento por meio dos escritos, relatos de viagens e cursos de geografia. Além do que incentivava a todos os homens que conhecessem o mundo através das viagens para ampliação sobre o conhecimento do mundo, forjando assim a saída da minoridade obscurecida para uma maioria esclarecida, geográfica, cosmopolita.

Portanto, a geografia é a ciência que conhece fenômenos, objetos, dados espaço-temporalmente, possibilitados pela relação *a priori* entre sensibilidade e entendimento. E, Por

⁶⁴ Aqui vale uma observação, essa metáfora de uma geografia da razão é fortemente inspirada em David Hume, a quem Kant chamava de “geógrafo da razão”. KANT, I, *Ibid.*, p. B 788. “O ilustre David Hume foi um destes geógrafos da razão humana”.

⁶⁵ CASSIRER, E. **Kant's Life and Thought**.

⁶⁶ “Todas as mudanças me assustam, mesmo uma que possa oferecer a maior perspectiva de melhora em minhas circunstâncias. E acho que devo obedecer a esse instinto da minha natureza, se quiser me alongar mais e mais na fina e delicada linha da vida que os destinos me deram”. KANT, I. **Correspondence**, p. 166. Cf. KANT, I. **AK**, X, p. 231 (tradução nossa).

⁶⁷ Mesmo sem viajar, o filósofo usa muitas metáforas geográficas. Para DOS SANTOS (1994), “duas razões poderão ser aqui invocadas. Em primeiro lugar, a assídua frequência dos filósofos ingleses a que se deve ter entregado desde a juventude. Em segundo lugar, a paixão e o cultivo da Geografia e assuntos com essa ciência relacionados, com o que enfatiza a sua curiosidade universalista de *Aufklärer* pelas formas do humano, ao mesmo tempo que compensava e sublimava, com um amplo e profundo conhecimento geográfico teórico e com leituras da abundante literatura de viagens do seu século, a sua sedentariedade ou mesmo a sua fobia de viagens”. DOS SANTOS, L, Ribeiro. **Metáforas da razão ou economia poética do pensar kantiano**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, p. 296-297.

sua vez, é a ciência que conhece a natureza em sua generalidade e em sua especificidade, que busca espacialmente uma sistemática do diverso do mundo determinadamente, bem como diante da diversidade empírica contingente busca uma regra reflexivamente, uma finalidade, que traga organicidade ao mundo da diversidade específica humano-natural.

Assim, a razão, na medida em que conhece o mundo dentro dos limites geográficos válidos e legítimos, promove, de certa maneira, clareza sobre conhecimentos ilegítimos, aparentes, caóticos, dogmáticos, o que traz as condições de possibilidade de se pode gestar o esclarecimento⁶⁸, o cosmopolitismo, a cidadania mundana, a paz.

De acordo com Kant, sua época era a época da crítica e tudo deveria se submeter à crítica, ao esclarecimento, mas não há como ser esclarecido, sábio, sem o conhecimento do mundo dado geograficamente, isto é, espaço-temporalmente, logo não há como ser sábio sem esse conhecimento útil que é a geografia, que conhece generalidades e especificidades que estão dispostas e sendo produzidas nos vários ambientes e escalas do mundo. O que faz da geografia a ciência do perto e do longe, do local, e do global, de Königsberg e de todo o mundo⁶⁹.

Kant entendia a necessidade de conhecimento local e global tendo em vista a construção de um amplo mapa das múltiplas diversidades do mundo (natural e humana)⁷⁰. Kant estava preocupado além desse conhecimento factual do mundo das diversidades, também com a instância ético-política que diz respeito ao como o homem se relaciona com a natureza, de como são suas maneiras de relação com o meio físico, de como o homem desenvolve sua existência em sua relação com o seu ambiente, de como é o seu “espaço habitado” na medida em que ele habita. Em suma, Kant está preocupado com o homem enquanto ser da liberdade, enquanto ser moral em sua relação com a natureza, que se desenvolve no cenário de sua existência, no mundo dado geograficamente, dentro de uma perspectiva que forje cidadãos esclarecidos, mundanos, geocosmopolíticos.

Por fim a relação entre geografia e filosofia em Kant se estabelece na medida em que a geografia apresenta os dados empíricos, materiais, *a posteriori*, orgânicos e inorgânicos e o

⁶⁸ Ou como ele escreve em uma carta a Marcus Herz em abril de 1778. “[...] **orientar** as pessoas a cultivar seus talentos somente na **direção** útil/**prática**/apropriada (*zweckmäßige*)”. Cf. KANT, I. **Correspondence**, p. 166. Cf. KANT, I. **AK**, X, p. 230. (tradução e destaque nosso).

⁶⁹ “[...] a relação natural de todos os países e mares e a base de sua conexão, que é o próprio fundamento da história, sem a qual ela é pouco distinta dos contos de fadas. A outra parte olha para multiplicidade das qualidades naturais dos homens e para sua moralidade exercida sobre a terra. Uma análise muito importante [...] sem a qual dificilmente se pode julgar os homens. Finalmente, aquilo que pode ser considerado como uma consequência da interação de ambas as forças anteriormente descritas, a saber, o estado das nações e povos da terra, [...]”. KANT, I. **Anúncio das palestras de inverso de 1765-1766**, p. 313. Cf. KANT, I. **AK**, II, p. 312-313.

⁷⁰ KANT, I. **Anúncio das palestras de inverso de 1765-1766**, p. 313. Cf. KANT, I. **AK**, II, p. 313.

aparato racional filosófico, subjetivamente, por sua vez, faz a recepção desse conjunto fenomenal (natural e humano) que é dado geograficamente, conceitua, fornece um sentido, quer seja determinante e/ou reflexionante a essa unidade diversa que é o mundo.

Portanto, a geografia não prescinde da crítica e nem a crítica da geografia, ao mesmo tempo que faz a filosofia kantiana está imersa no mundo fático, na cena processual do mundo, da diversidade contingente, conferindo assim, conteúdo à razão, como também tira da geografia a insígnia de ser meramente descritiva, e faz dela algo que está para além de uma descrição, já que carece de crítica, de explicação esclarecida, portanto, de um mundo que se desenvolve, de uma espaço mundano que está em gestação, que está sendo habitado.

Referências

- ADICKES, E. **Kant als Naturforscher**, 2vols. Berlin: Walter de Gruyter, 1924-25.
- _____. **Kants Ansichten über Geschichte und Bau der Erde**. Tübingen: Mohr, 1911b.
- _____. **Untersuchungen zu Kant's physischer Geographie**. Tübingen: Mohr, 1911a.
- _____. **Untersuchungen zu Kants physische Geographie**. Saarbrücken: Verlag, 2009.
- ADORNO, T; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução: Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- CASSIRER, E. **Kant's Life and Thought**. Tradução: James Haden. New Haven/London: Yale university press, 1983.
- CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000, p. 8-13.
- DESCARTES, R. **Discurso do Método**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DOS SANTOS, L, Ribeiro. **Metáforas da razão ou economia poética do pensar kantiano**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- _____. Pensar a catástrofe, pensar a atualidade: os ensaios de Kant sobre o terremoto de Lisboa. **Revista Studia Kantiana**, n. 20, p. 21-49, 2016.
- FISCHER, K. **A Critique of Kant**. Tradução: W.S. Hough. London: Swan Sonnenschein, 1888, p. 67-74.
- HARTSHORNE, R. **Propósitos e Natureza da Geografia**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1978.
- _____. The Concept of Geography as a Science of Space, from Kant and Humboldt to Hettner. Washington. **Annals of the American Association of Geographers**, v. 48, n. 2, p. 97-108, 1958.

HOBBS, T. **Leviatã**. Tradução: João Paulo Monteiro; Maria Beatriz da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Do Cidadão**. Tradução: Renano Janine Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HUXLEY, A. **Admirável mundo novo**. Tradução: Vidal de Oliveira. São Paulo: Globo, 2014.

JAPIASSU, H. **Como nasceu a ciência moderna e as razões filosóficas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

KANT, I. **O que significa orientar-se no pensamento?** Tradução: Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

_____. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. Tradução: Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. **Crítica da Faculdade de Julgar**. Tradução: Fernando Costa Matos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

_____. **Crítica da Razão Pura**. Tradução: Manuela Pinto dos Santos; Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

_____. **Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita**. Tradução: Ricardo Terra; Rodrigo Naves. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Natural Science**. Tradução: Lewis White Beck; Jeffrey B, Edwards; Olaf Reinhardt; Martin Schönfeld; Eric Watkins. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

_____. **Phisische Geographie**. Tradução: Michèle Cohen-Halimi; Max Marcuzzi; Valérie Seroussi. Paris: Aubier, 1999.

_____. Resposta à pergunta: Que é esclarecimento? In: **Textos Seletos**. Tradução: Floriano de Sousa Fernandes. Vozes: Petrópolis, RJ, 2005.

_____. **Gesammelte Schriften: herausgegeben von der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaft**, 29 vols. Berlin: Walter de Gruyter, 1902.

_____. Introdução à Geografia Física. Tradução: Leonardo Arantes. **GEOgraphia**, ano, IX, n. 17, p. 121-129, 2007.

LEBRUN, G. **Kant e o Fim da Metafísica**. Tradução: Carlos Alberto. R de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LEHMANN, G. **Beiträge zur geschichte und Interpretation der Philosophie Kants**. Belim: Walter de Gruyter, 1969.

LOPES, J, G. **O conhecimento do mundo como geografia filosófica e filosofia geográfica em Immanuel Kant**. 2018. 439 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

OLIVEIRA, M, A. **Ética e Sociabilidade**. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. **Ética e Práxis histórica**. São Paulo: Ática, 1995.

PIMENTA, Pedro Paulo. **Reflexão e Moral em Kant**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004, p. 175.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou da Educação**. Tradução: Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

STARK, W. **Vorlesungen über Physische Geographie**. Berlin: Walter de Gruyter, 2009.

_____. Naturforschung in Königsberg, – ein kritischer Rückblick Aus den Präliminarien einer Untersuchung über die Entstehungsbedingungen von Kant's Vorlesung über Physische Geographie. **Revista de Estudos Kantianos**. Marília-SP, v. 2, n. 2, p. 29-60, 2014.

SUZUKI, M. O Homem do Homem e o Eu de Si Mesmo. São Paulo: **Discurso**, n. 30, p. 25-61, 1999.

TERRA, R. **Passagens**: estudos sobre a filosofia de Kant. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2003.

_____. **A Política Tensa**: ideia e realidade na filosofia da história de Kant. São Paulo: Iluminuras, 1995.

TREVISAN, D. K. **O Tribunal da Razão**: um Estudo Histórico e Sistemático sobre as Metáforas Jurídicas na Crítica da Razão Pura. 2015. 455 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

VITTE, A. C. (Orgs). **Kant, kantismo e a geografia**: história, percalços e possibilidades investigativas. Curitiba: Appris, 2014.

VORLÄNDER, K. **Immanuel Kants Leben**. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1986, p. 15-31.

WITHERS, C. Kant's Geography in Comparative Perspective. In: ELDEN, Stuart; MENDIETA, E. **Reading Kant's Geography**. E. Albany: State University of New York, 2011.

WOOD, A. **Kant**. Malden: Blackwell, 2005.